

## ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

**Suporte social e a experiência acadêmica de estudantes negros na Universidade de São Paulo: uma análise qualitativa***Social Support and the Academic Experience of Black Students at the University of São Paulo: A Qualitative Analysis***Carlos Vinicius Gomes Melo;**  \* **Mariana Martha Cerqueira Silva;**   
**Karen Cristine Matos Santana;**  **Alessandro de Oliveira dos Santos** 

Universidade São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

**Palavras-chave:**suporte social;  
universidade; estudantes  
negros; permanência  
estudantil;  
interseccionalidade.**Resumo:** A permanência universitária de estudantes negros é um desafio significativo, na medida em que eles enfrentam diversas barreiras sociais, como o preconceito e discriminação étnico-racial; dificuldades financeiras; falta de apoio emocional, dentre outros fatores. Este estudo qualitativo analisou o suporte social para estudantes negros em uma universidade pública. Foram entrevistados 51 estudantes negros da Universidade de São Paulo (USP) entre 18 e 41 anos, sendo 25 homens, 25 mulheres e 01 não binário. Os resultados revelaram que a política de permanência da USP oferece suporte social limitado, especialmente devido ao baixo valor de assistência financeira. No entanto, os coletivos estudantis negros são vistos como um suporte social satisfatório, proporcionando um sentido de pertença e resistência. A experiência acadêmica das mulheres negras sugere mais importância para o suporte afetivo, enquanto os homens negros, o suporte instrumental, como acesso a recursos tangíveis. O único estudante não binário demonstrou uma interação complexa com os suportes sociais disponíveis, assim como os outros participantes, exibindo ambivalência em relação ao suporte institucional e buscando ativamente suporte informativo e emocional nos coletivos acadêmicos. Os resultados indicam a importância dos diferentes tipos de suporte social (emocional, instrumental, informativo) para o bem-estar e sucesso acadêmico de estudantes negros, negras e não binários.**Keywords:**social support;  
university; black  
students; academic  
success; intersectionality.**Abstract:** The permanence of black students is a significant challenge, as they face various social barriers, such as prejudice and ethnic-racial discrimination; financial difficulties; lack of emotional support, among other factors. This qualitative study analyzed social support for black students at a public university. We interviewed 51 black students from the University of São Paulo (USP) between 18 and 41 years old, 25 men, 25 women and 01 non-binary. The results revealed that USP's permanence policy offers limited social support, especially due to the low value of financial assistance. However, black student collectives are seen as a satisfying social support, providing a sense of belonging and resistance. The academic experience of black women suggests more importance for affective support, while black men, instrumental support, such as access to tangible resources. The only non-binary student demonstrated a complex interaction with the available social supports, as well as the other participants, exhibiting ambivalence towards institutional support and actively seeking informational and emotional support in academic collectives. The results indicate the importance of different types of social support (emotional, instrumental, informative) for the well-being and academic success of black men, women, and non-binary students.

\* Endereço para correspondência: Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia. Avenida Professor Mello de Moraes, 1721, Bloco A ? sala 103/105. Butantã - Cidade Universitária, São Paulo, SP – Brasil. CEP: 05508030. E-mails: [cvgmelo@usp.br](mailto:cvgmelo@usp.br), [marianaayo27@gmail.com](mailto:marianaayo27@gmail.com), [karenmatosantana@usp.br](mailto:karenmatosantana@usp.br), [alos@usp.br](mailto:alos@usp.br)



## Introdução

As desigualdades na educação, especialmente entre brancos e negros, têm conduzido a graves consequências para a população negra, evidentes nos indicadores de ingresso e conclusão do ensino médio e superior (Artes; Unbehaum, 2021). Este cenário de disparidade, ao longo do tempo, tem reforçado a necessidade de políticas de equidade que visem a inclusão e o acesso à educação.

Fernandes (2022) examina as desigualdades de gênero e raça/cor no ensino superior e o papel das políticas de ação afirmativa, especialmente a lei de cotas universitárias (Lei n.º 12.711 – Brasil, 2012). Através da perspectiva da interseccionalidade, a autora discute como formas diversas de discriminação, como raça/cor e gênero, interagem nas políticas de ações afirmativas.

Interseccionalidade é um termo oriundo dos estudos feministas negros, cunhado pela teórica norte-americana Kimberlé Crenshaw (2002) para considerar que a categoria de gênero é frequentemente marcada pelas categorias de raça e classe social. Em seus estudos, Crenshaw (2002, 2004) destaca os perigos da sobrevalorização de uma categoria, por exemplo o gênero, em detrimento das demais. Sua argumentação é que a interseccionalidade significa um cruzamento de categorias. Resumidamente, a interseccionalidade reconhece que as pessoas podem experimentar diferentes formas de discriminação que estão interconectadas.

Nesse sentido, Fernandes (2022) ressalta que as políticas de ação afirmativa têm ampliado a diversidade no ensino superior e atenuado a sub-representação de grupos historicamente marginalizados na educação, incluindo a maior inserção de mulheres em cursos predominantemente masculinos e a redução da sub-representação de estudantes negros. No entanto, a autora também destaca que a lei de cotas, apesar de crucial para a inclusão de estudantes da rede pública, negros e indígenas, apresenta desafios importantes.

Um desses desafios é a permanência dos estudantes nas universidades após o ingresso. Este novo contexto requer do estudante novas competências, um maior nível de envolvimento e organização. Além disso, a permanência na universidade, seja na graduação ou na pós-graduação, demanda condições sociais e financeiras mínimas, bem como um sólido *background* de conhecimentos e experiências. Esta complexidade reforça a necessidade de estratégias e políticas abrangentes de inclusão e permanência no ensino superior.

Com a finalidade de garantir que os estudantes tenham condições adequadas para se manterem na universidade e concluírem seus cursos com êxito, a política de permanência estudantil de uma universidade pode envolver a disponibilização de recursos que vão desde o suporte financeiro ao psicossocial. Conforme o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2012, p. 63), a assistência estudantil caracteriza-se como:

Um conjunto de princípios e diretrizes que norteiam a implantação de ações para garantir o acesso, a permanência e a conclusão de cursos de graduação dos estudantes das Instituições Federais de Ensino Superior, na perspectiva da inclusão social, formação ampliada, produção do conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e da qualidade de vida.

A base legal para a permanência estudantil está no Decreto nº 7.234 (Brasil, 2010a), que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). Este Programa tem como objetivo orientar acerca das condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, bem como o acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiências. As iniciativas recomendadas no Programa incluem ações nas áreas da moradia estudantil, da alimentação, de transporte, de atenção à saúde, de inclusão digital, de cultura, de esporte, de creche para os filhos, de apoio pedagógico, de transtornos globais do desenvolvimento e de altas habilidades e superdotação de estudantes.

Nesse sentido, os programas e ações que visam a permanência estudantil têm grande importância na vida dos estudantes que não possuem meios para se manterem na universidade, com o compromisso de garantir o acesso à educação e igualdade de oportunidades.

Portanto, ao considerar que os estudantes negros enfrentam uma série de desafios para a sua progressão acadêmica, dentro e fora do ambiente universitário que influenciam no seu bem-estar e permanência estudantil, o presente estudo buscou identificar os tipos de suporte social de estudantes negros na Universidade de São Paulo (USP), em relação à experiência com a política de permanência estudantil e coletivos negros da universidade.

A Universidade de São Paulo, criada em 1934, é a maior universidade pública brasileira e uma das mais importantes do país. Razão pela qual, o ingresso nessa universidade é bastante competitivo, conforme atesta a cifra de 110.383 inscritos na Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST), em 2022, fundação ligada à USP com objetivo de realizar os exames vestibulares para admissão.

A USP aderiu à reserva de vagas para negros e indígenas apenas em 2018, sendo a última e a mais relutante no país à implementação da reserva de vagas (Guarnieri; Melo-Silva, 2017). Apesar disso, a USP quadruplicou o número de estudantes autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas (PPI) em 10 anos, por meio de um programa próprio de bonificação. O perfil dos ingressantes, em 2010, apresentava em torno de 5% de negros e indígenas, enquanto, em 2019, tal proporção chegou a 25% do total de calouros. Em 2020, após o terceiro ano da adoção de reserva de vagas, a USP registrou 47,8% de matriculados oriundos de escolas públicas em seus cursos de graduação, e, entre eles, 44,1% autodeclarados PPI (Biazzi et al., 2020). Esse largo ingresso de negros e indígenas oriundos de escolas públicas apresenta, para a universidade, o desafio de garantir a permanência deles nos cursos.

Contudo, estudos têm mostrado que ao ingressarem na universidade os estudantes negros, além de enfrentar as dificuldades inerentes a adaptação ao ensino superior, também têm sido alvo de manifestações de preconceito e discriminação de colegas, funcionários e até professores (Valério et al., 2021; Santos, 2022).

O ambiente acadêmico hostil gera sofrimento e sensação de não pertencimento, podendo contribuir para dificultar o rendimento acadêmico dos estudantes negros e também para o abandono e/ou trancamento do curso, em função dos episódios estressantes que têm enfrentado. O que mostra a importância de se investigar a rede de suporte social do qual dispõem, enquanto um atributo capaz de ajudá-los ou não a lidar com as situações adversas da vida universitária e contribuir para sua adaptação, permanência e conclusão com êxito do curso. A rede de suporte social caracteriza-se pelas relações sociais e institucionais de uma pessoa, capazes de lhe oferecer apoio afetivo/emocional, financeiro/material e informacional/instrucional. Em geral, tal rede se inicia no âmbito do contexto familiar e conforme o curso da vida pode se expandir ou não para outros grupos sociais (Gottardo; Ferreira, 2015; Siqueira, 2008).

Estudo desenvolvido por Melo *et al.* (2023) apresenta que o Bem-Estar Subjetivo (BES) médio dos estudantes da USP é significativamente baixo, o que foi fortemente impactado pela pandemia do COVID-19. Além disso, o estudo sugere que o racismo, o sexismo e classismo sejam variáveis intervenientes no ambiente acadêmico, exercendo influência significativa na diferença entre os BES de estudantes negros e não negros, mulheres e homens e pobres e ricos. Diante dos achados, os autores recomendam que políticas de ações afirmativas devem ir além do ingresso de populações historicamente marginalizadas no ensino superior, mas promover também a permanência e o sucesso acadêmico, em associação com o bem-estar e a saúde mental desses estudantes.

Afora as dificuldades financeiras, os estudantes negros sofrem com o preconceito e a discriminação étnico-racial, a falta de representatividade e os estereótipos negativos que ameaçam a sua identidade e autoestima, frente à progressão acadêmica. Esses fatores interferem no bem-estar, podendo afetar os processos de ensino-aprendizagem e as condições contextuais para a dedicação adequada aos estudos. As dificuldades encontradas contribuem para a evasão universitária e a baixa taxa de conclusão de curso entre os estudantes negros (Modesto et al. 2017; Torres-Patiño; Rojas-Hernandez; García-Perdomo, 2021).

A política de permanência da USP é composta pelo Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE) que tem o objetivo de diminuir a evasão estudantil causada por dificuldades socioeconômicas. Este programa oferece auxílios: alimentação, moradia, livros e transporte (Yamamoto, 2023).

A USP tem o histórico de tratar a permanência estudantil com base no critério socioeconômico, mas o Programa Nacional de Assistência Estudantil para as Universidades Estaduais (PNAEST) sugere ações mais abrangentes. O PNAEST foi estabelecido pelo Decreto nº 7.234, que ampliou as diretrizes legais do PNAES para incluir instituições estaduais de ensino superior. A Portaria Normativa nº 25, de 28 de dezembro de 2010, regulamentou o PNAEST com iniciativas que visam apoiar os estudantes durante sua trajetória acadêmica, contribuindo para sua permanência e desempenho acadêmico (Brasil, 2010b).

A política de permanência estudantil da USP tende a se expandir com a recente criação da Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP), na medida em que são centralizados tais serviços e recursos direcionados à permanência dos estudantes. A PRIP foi criada em 2020, como parte de uma reestruturação da USP, com o objetivo de promover ações que ampliem a inclusão e a diversidade na instituição. Seus principais objetivos são: coordenar, centralizar e apoiar políticas transversais na universidade, que se refiram a políticas inclusivas e de permanência. São políticas que incluem em seu escopo a saúde integral, com especial atenção à saúde mental, questões socioeconômicas, étnico-raciais, culturais e de gênero, assim como de acessibilidade para pessoas com deficiências, garantindo a consolidação do pertencimento, respeitadas as suas singularidades. Atualmente, a PRIP (USP, ©2024) está estruturada em cinco áreas: i) Vida no *Campus*; ii) Mulheres, Relações Étnico-raciais e Diversidade; iii) Saúde Mental e Bem-estar Social; iv) Direitos Humanos, Política de Reparação, Memória e Justiça; e v) Formação Vida Profissional, como observado no menu principal da sua [homepage](#).

O debate sobre acesso e permanência na USP também registra a atuação dos coletivos e entidades estudantis. Os coletivos estudantis são auto-organizações independentes que oferecem espaços de convivência, formação, reivindicações políticas e atividades culturais aos universitários. Desde 2013, registram-se a fundação de diversos coletivos estudantis negros nas unidades da USP ou em seus *campi*, como o coletivo Escuta Preta, o Núcleo Ayê e o Coletivo Negro da USP Ribeirão Preto.

Os coletivos negros nas universidades surgiram a partir da influência dos movimentos sociais, em especial dos movimentos negros. A partir da década de 1940, os encontros e convenções promovidos pelo Teatro Experimental do Negro (TEN) reivindicavam a educação como um direito político e denunciavam a desvantagem social desse direito para a população negra. Nas décadas de 1970 e 1980, houve uma efervescência de mobilizações e movimentações de coletivos negros no Brasil, inclusive na cena universitária (Oliveira, 2001). Esses coletivos buscavam lutar contra a discriminação e o preconceito, defender os direitos dos estudantes e promover a cultura e a história dos grupos minoritários, promovendo a igualdade e o respeito às diferenças.

Além de promover estratégias de resistência e luta, os coletivos estudantis funcionam como redes sociais que podem oferecer suporte no que se refere aos desafios enfrentados pelos estudantes negros no ambiente acadêmico. Eles contribuem para a permanência e bem-estar dos estudantes na universidade, na medida em que proporciona acolhimento, confiança, segurança e letramento étnico-racial frente ao preconceito e discriminação (Guimarães; Rios; Sotero, 2020).

Marshburn e Campos (2021), em um estudo que investigou experiências de universitários afro-americanos, descobriu que os estudantes buscam apoio de uma variedade de redes sociais, incluindo a rede familiar, de amigos e de profissionais de saúde mental. No entanto, também enfrentam barreiras para acessar apoio, como estigma e falta de confiança dos profissionais de saúde mental.

Sob o ponto de vista da Psicologia Social, as redes sociais se referem ao conjunto de laços sociais que as pessoas mantêm com outros indivíduos e grupos em sua vida. Esses laços podem ser de diferentes tipos e intensidades, e envolvem desde relações pessoais mais próximas, como amizades e familiares, até conexões mais distantes, como colegas de trabalho ou conhecidos ocasionais. A rede social de um indivíduo pode influenciar seu comportamento, emoções, pensamentos e até mesmo sua saúde (Burke; Kraut, 2016; Granovetter, 1973).

Para Meneses e Castellá Sarriera (2005), as redes sociais podem operar de modo funcional ou disfuncional, resultando em efeitos que podem promover bem-estar ou, ao contrário, propiciar condições socioeconômicas e emocionais desfavoráveis, a depender das formas de interação da rede e a proximidade entre os atores da rede social, associada aos níveis da influência social. A influência social é um conceito derivado da teoria das redes sociais, apontada como um forte preditor para a tomada de decisão, na medida em que a estrutura da rede apresenta membros com maior influência do que outros, na formação de opinião.

Há indícios de que a rede social influencia a saúde das pessoas, especialmente a saúde mental, pois pessoas com mais ligações de confiança e percepção de disponibilidade de suporte nas redes tendem a lidar melhor com situações estressantes. Nota-se, assim, a forte ligação entre o suporte da rede com a autoestima, felicidade e satisfação com a vida. Os autores apresentam ainda estudos que relacionam o bem-estar mais à qualidade do que à quantidade dessas ligações (Meneses; Castellá Sarriera, 2005).

A influência social e as decisões tomadas pela rede podem proporcionar apoio social em prol de uma pessoa. Nesse sentido, o conceito de suporte social pode ser compreendido como um apoio de caráter prático ou afetivo, oferecido a uma pessoa que se sente bem-quista, segura e protegida. Esse suporte é multifacetado e pode englobar: apoio emocional/afetivo, apoio financeiro/instrumental e/ou apoio instrucional/informacional (Gottardo; Ferreira, 2015).

Contudo, as redes sociais não necessariamente formam uma rede de apoio social para o indivíduo, haja vista que “o apoio social se refere à dimensão funcional ou qualitativa da rede social, ou seja, diz respeito a ter alguém com quem contar em situações difíceis para receber, por exemplo, auxílio material, emocional ou afetivo” (Griep, 2003, p. 11).

O apoio ou suporte emocional refere-se às ações e comunicações que expressam carinho, cuidados e preocupação com o outro. O suporte instrumental compreende auxílios e provimentos materiais, financeiros ou estruturais tangíveis, de pessoas ou instituições, oferecidos a alguém. E, o suporte instrucional inclui receber, de outros indivíduos ou grupos sociais, noções indispensáveis que possam orientar e guiar tomadas de decisões frente aos conflitos sociais (Gottardo; Ferreira, 2015; Rodriguez; Cohen, 1998).

No contexto dos estudantes universitários, os diferentes tipos de suporte social podem ser promovidos por diferentes grupos da rede social. Por exemplo, os suportes materiais podem estar vinculados aos auxílios e bolsas oriundos dos programas de permanência estudantil da Universidade. Os suportes emocionais e instrucionais, podem ser obtidos pelo usufruto dos serviços psicológico da assistência estudantil; pela rede de amizades ou colaboradores nos coletivos estudantis; ou até pela família ou amigos fora desse ambiente (Gottardo; Ferreira, 2015; Ornelas, 1994; Rodriguez; Cohen, 1998).

Diante da necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a realidade dos estudantes negros da USP, optou-se pela coleta e análise de dados empíricos que proponha elucidar os suportes sociais disponíveis a esses estudantes, bem como avaliar a eficácia da política de permanência estudantil e o papel dos coletivos negros na universidade.

## **Método**

O presente estudo é fruto de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva que caracterizou a experiência acadêmica de estudantes negros homens, mulheres e não binários da USP, com base na Teoria de Suporte Social.

## ***Participantes***

Foram entrevistados 51 estudantes da USP autodeclarados negros, segundo o critério adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A maioria (33 entrevistados) se autodeclarou como pretos (64,7%) e o restante (18 entrevistados) como pardos (35,3%), apresentando-se homogeneamente entre homens (49%) e mulheres (49%), ambos com 25 entrevistados, além de 01 estudante autodeclarado não-binário. A título de ilustrar alguns dos fatores de estresse identificados previamente entre os participantes, destacam-se os diagnósticos de transtornos de ansiedade (23,5%) e depressivos (19,6%), presentes, respectivamente, em 11 e 10, dentre os 51 estudantes entrevistados.

Os dados referentes aos 51 estudantes indicam que 37 entrevistados (73%) ingressaram na USP através da reserva de vagas para PPI e egressos de escolas públicas e 08 entrevistados (16%) através de ampla concorrência, sendo que 06 participantes não informaram sobre a modalidade de seu ingresso. A maioria (44 entrevistados) provém de escolas públicas (86%) e possui renda familiar (38 entrevistados) de até 03 salários-mínimos (75%). Em relação ao grau de estudos dos pais tem uma diferença grande entre os dados de pai e mãe, as maiorias das mães (de 19 entrevistados) tem Ensino médio completo (37%) e os pais (de 17 entrevistados) tem o ensino fundamental incompleto (33%).

### ***Instrumento e procedimento de coleta***

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas individuais, com a utilização de um roteiro semiestruturado, de modo a apreender a rede e o suporte social de estudantes negros, proporcionados pelos dispositivos institucionais da política de permanência e coletivos estudantis. Buscou-se compreender as formas de organização e sociabilidade dos estudantes negros e os elementos que podem contribuir para a saúde mental e a garantia e promoção de um ambiente institucional universitário mais saudável.

A preparação para a coleta de dados foi desenvolvida em três fases. A primeira envolveu a elaboração do roteiro semiestruturado que conteve três (03) questões abertas: 1) “Como está sendo sua experiência como um estudante negro na USP?”; 2) “Você conhece ou já utilizou algum serviço de assistência estudantil e apoio psicossocial da USP?”; 3) “Você conhece os coletivos de estudantes e as entidades estudantis da USP?”. A segunda fase, envolveu a realização de um estudo piloto com 06 estudantes negros de diferentes universidades, para verificação do tempo de aplicação do instrumento e refinamento do roteiro. A terceira e última fase envolveu o convite aos estudantes negros da USP enviado por e-mail e pelo aplicativo *WhatsApp*. A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, por um critério não probabilístico. Devido à persistência da pandemia do COVID-19 e a consequentes medidas restritivas, todas as entrevistas ocorreram pela internet, através da plataforma *GoogleMeet*. Destaca-se que as entrevistas decorreram após submissão e aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, submetido à Plataforma Brasil.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas. Posteriormente, foi feita uma análise de conteúdos seguida da construção de categorias baseadas em similaridades temáticas (Carlomagno; Rocha, 2016) que, no presente estudo, se referem a dois domínios da experiência acadêmica: política de permanência e coletivos estudantis. Ao final, excertos de relatos dos entrevistados foram selecionados para exemplificar as considerações analíticas sobre os fatores



de suporte, diante desses dois domínios da experiência acadêmica de estudantes negros. O estudo observou os dados sob a perspectiva interseccional, em especial, por raça/cor e gênero.

## **Resultados**

Os relatos dos entrevistados apresentam diversos e variados argumentos, caracterizadores de suas experiências. A política de permanência estudantil e os coletivos estudantis foram qualificados no que se refere aos elementos de suporte social, bem como às suas limitações, observando tais especificidades por gênero. Os nomes dos entrevistados foram codificados pela nomenclatura E1, E2, E3 (Entrevista 01, Entrevista 02, Entrevista 03 e assim por diante).

### ***Política de permanência estudantil universitária***

Dentre os 51 entrevistados, somente 12 (23,5%), descreveram sua experiência acadêmica em relação à política de permanência como positiva, revelando elementos funcionais de suporte social; 16 (31,3%) descreveram tal experiência como negativa identificando as limitações e elementos disfuncionais da política e programas; e 18 (35,2%) expressaram, simultaneamente, aspectos negativos e positivos, evidenciando tanto fatores funcionais e disfuncionais do suporte. Houve ainda 05 estudantes (9,8%) que expressaram indiferença em função de não conhecerem ou não terem utilizado as políticas de permanência.

Os fatores funcionais de suporte social identificados na experiência com a política de permanência estudantil, relacionam-se ao usufruto de programas universitários, como: o Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE); o Suporte aos Estudantes Ingressantes (SEI); o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo (CRUSP); o Restaurante Universitário (RU) e a política institucional de cotas sociais e étnico-raciais para acesso à USP. Especificamente, os estudantes manifestam satisfação com a possibilidade de acessar os serviços de alimentação, esporte, transporte, assistência à saúde (15 entrevistados); auxílios e bolsas de estudo (06 entrevistados); vagas no alojamento estudantil (04 entrevistados). Destacam também ingresso na universidade por meio das reservas de vagas sociais e étnico-raciais (03 entrevistados). O depoimento da estudante E9 e do estudante E31, a seguir, exemplifica a satisfação de se beneficiarem da política de permanência estudantil da USP:

*Eu utilizei o auxílio moradia. [...] E também o bandejão [nome popular do RU], que ajuda muito a não gastar com comida [...]. Me aliviou um pouco o estresse de não conseguir permanecer por conta de não ter o auxílio (E9).*

*Entrei por meio de cotas [reserva de vagas sociais e étnico-raciais], antes eu estudava na ETEC e foi um suporte bem grande para eu conseguir entrar e ter autoestima para conseguir passar no processo (E31).*

Por outro lado, uma parcela maior de estudantes que usufruem de tais programas expressaram insatisfação, denunciando limitações que são elementos disfuncionais que se relacionam à desinformação sobre as políticas de inclusão (05 entrevistados) e baixo valor de auxílios e bolsas estudantis (17 entrevistados), o que culmina numa dupla jornada de trabalho acadêmico ou profissional (06 entrevistados). Os estudantes que moram no CRUSP também relatam insatisfação com a precariedade predial e superlotação das moradias (11 entrevistados). Além disso, eles demarcam a descontinuidade e insuficiência da oferta dos serviços psicológicos e psiquiátricos da USP (07 entrevistados), bem como as novas condutas didático-pedagógicas (02 entrevistados), oriundas do cenário de isolamento e distanciamento social, provenientes da pandemia do COVID-19. Relatam ainda a ausência de serviços institucionais para o acolhimento, auditoria e enfrentamento às situações de preconceito e discriminação étnico-racial (03 entrevistados). Os depoimentos abaixo evidenciam limitações dos programas de apoio à permanência, apontados pelos estudantes entrevistados.

*É frustrante pensar que a universidade é racista, no sentido de que ela não oferece qualquer tipo de apoio financeiro, psicológico, nesse sentido assim, para ajudar essa população a permanecer (E36).*

*Apesar de estar sucateado, superlotado, com problemas estruturais em todos os tipos, é rachadura, é goteira, falta de água, é a luz que cai, é não ter cozinha, não ter máquina de lavar. Mas você morar a cinco minutos do prédio garante que você vá para a aula e você morar em cima do bandeirão garante que você tenha comida durante a semana (E48).*

*Bom, [o serviço psicológico] ajudou [...] o número de sessões é limitado [...] e aí você até pode se inscrever novamente, mas não tem um atendimento contínuo (E6).*

Com base nos depoimentos, de um modo geral, a experiência acadêmica junto a política de permanência acadêmica é simultaneamente mista, apresentando elementos tanto funcionais quanto disfuncionais. No entanto, é importante notar algumas diferenças com base no gênero.

A experiência das mulheres pode ser classificada como predominantemente negativa junto à política de permanência, com 10 entrevistadas expressando insatisfação, 05 entrevistadas manifestando satisfação e 08 indicando ambivalência. Houve 02 que demonstram indiferença. As limitações são geralmente atribuídas à falta de acesso ou dificuldades com a política de permanência da USP, particularmente com relação aos serviços da SAS. A demora na obtenção de moradia, a falta de apoio financeiro adequado e a falta de divulgação e acompanhamento adequados das políticas são mencionados como principais elementos disfuncionais. Por outro lado, os elementos funcionais do suporte são geralmente associados ao acesso a bolsas, práticas desportivas e serviços de atendimento psicológico. A entrevistada E8, que estudou na USP durante a graduação e atualmente está na pós-graduação, compartilha no seu depoimento as barreiras em relação à sua permanência na universidade.

*Então, o CRUSP, que deveria ser um local de cuidado para os alunos que enfrentam problemas familiares e não têm condições de se sustentar, merecia uma atenção especializada. Eu tive a bolsa de livros, o que foi maravilhoso, e o auxílio alimentação, então não precisava pagar pela alimentação, na época era R\$1,90, agora é 2 reais. Agora eu pago. Atualmente, a única coisa que tenho é a moradia no CRUSP. Como estudante de pós-graduação, não recebo auxílio para livros nem para alimentação (E8).*

A experiência dos homens negros na USP inclina-se mais para os elementos funcionais do suporte, expressa por 06 entrevistados, 05 expressando limitações e 11 ambivalências. Houve 03 que demonstram indiferença. Os elementos funcionais são geralmente associados ao acesso a auxílios do SAS, bolsas de pesquisa, serviços de alimentação e transporte público gratuito. Os disfuncionais, por outro lado, são frequentemente atribuídos a valores de bolsa insuficientes, atrasos na aprovação das políticas de permanência e a necessidade de complementar a renda. De acordo com o trecho do depoimento de E23 observa-se a satisfação entre o auxílio financeiro recebido e a insatisfação de ter de complementar a renda para estudar.

*[...] Ajudava bastante, embora só 400 reais, eu ainda vendia brigadeiro [...] porque passagem de ônibus estava ficando caro, comer estava ficando caro, então eu precisava sim desse pouco de dinheiro para me locomover até São Paulo, participar de coisas que rolavam lá (E23).*

A experiência do estudante não binário (E10) com a política de permanência da USP é também marcada por ambivalência. Há a valorização dos benefícios que recebe, como auxílio-alimentação, moradia estudantil e bolsa através do PAPFE. No entanto, expressa insatisfação com a qualidade e a completude dos auxílios. Há críticas específicas que apontam as limitações, como as condições da moradia estudantil (CRUSP) e ao serviço de saúde mental de escuta ao estudante.

*No CRUSP você tem um espaço para morar, mas existem uma série de irregularidades. Então eu acredito que falta ainda essa assistência estudantil (E10).*

### **Coletivos negros e estudantil**

No que se refere aos coletivos e entidades estudantis, a maioria dos entrevistados, isto é, 32 (62,7%), descreveu sua experiência como positiva, caracterizando seus elementos funcionais de suporte social; 08 (15,7%), evidenciaram como negativa, ao se reportarem os elementos disfuncionais dos coletivos; e 05 (9,8%) expressaram, simultaneamente, positivo e negativo. Houve ainda 06 entrevistados (11,8%) que demonstraram indiferença em relação à experiência e impressões sobre os coletivos e entidades estudantis da USP, por causas não especificadas.

Os elementos funcionais do suporte social identificados na experiência com os coletivos estudantis, em especial, com os coletivos negros, relacionam-se ao sentimento de pertencimento e acolhimento (16 entrevistados), à permanência estudantil (04 entrevistados) e à criação e formação

de redes de apoio, promovendo estratégias de resistência e luta (10 entrevistados). Os depoimentos de E20, E45, E48 e E51 exemplificam a experiência de satisfação com os coletivos estudantis.

*Eu acho que o Coletivo Negro é fundamental para as pessoas negras que estão se sentindo deslocadas na faculdade. É um ambiente onde a gente reflete e analisa problemas, a gente consegue analisar e entender por que essas coisas acontecem (E20).*

*Eu acho que o coletivo em si foi uma questão importante para minha permanência [...]. Esse engajamento político foi muito importante para eu entender e conseguir achar um lugar no meio dessas diferenças todas (E48).*

*Vejo que são ferramentas de organização que conseguem criar mudanças no espaço. Uma experiência recente do coletivo negro é que conseguiram implantar cota pra PPI no Programa de Pós- Graduação na Ecologia, e com isso eles também tão mostrando para os outros programas que é possível e como fazer (E51).*

Em menor proporção, foram relacionados os elementos disfuncionais dos coletivos negros da USP. Alguns estudantes expressaram frustração diante das atuações dos coletivos, consideradas como divergentes das suas expectativas iniciais. Depoimentos de E5, E15, E21, E36 e E40 expressam relatos de exclusão e falta de acolhimento por parte dos coletivos, como exemplificado abaixo.

*[...] Teve uma falha de comunicação, eu me considero preta de pele clara e ela falou: “não, lá você não vai ter vez”. Então não vou [participar de coletivo negro], já que eu não sou retinta o suficiente para estar com pessoas negras, mas não sou branca suficiente para andar com pessoas brancas. Eu ainda tenho esse dilema comigo (E40).*

*A nossa briga com a atlética foi exatamente por um dos representantes antigos de lá reproduzirem o machismo extremamente e o racismo extremo, então era muito difícil a gente conseguir entender e se situar e ter apoio de alguém que pudesse apoiar a gente [...] eu acabei não procurando outros coletivos, não falei: ah vou tentar um coletivo mais preto, mais feminista, mais interseccional. Acabei não indo atrás disso (E15).*

Com base nos depoimentos, de um modo geral, a experiência acadêmica dos estudantes negros com coletivos na USP é diversificada. No entanto, é importante notar algumas diferenças com base no gênero.

A experiência das mulheres pode ser classificada como predominantemente positivas, com 17 entrevistadas expressando satisfações, 04 entrevistadas manifestando insatisfações e 02 indicando ambivalências. Houve 02 entrevistas que demonstraram indiferença. Enfatizam a importância dos coletivos para sua permanência na universidade, o fortalecimento identitário, o acolhimento e as trocas de saberes. Os coletivos são mencionados como principais elementos de apoio emocional e enfrentamento de desafios. O estresse é geralmente atribuído à dificuldade de conciliar participação nos coletivos com demandas acadêmicas e pessoais. O depoimento da entrevistada E45 expressa o contentamento pelo pertencimento.

*Os coletivos e os espaços dentro da universidade nos ajudam a não nos sentirmos abandonados e, apesar desse sentimento permanecer, os coletivos amenizam esse sentimento, seja o coletivo feminista, o coletivo negro. De passinho em passinho a gente vai mudando essa realidade social da universidade (E45).*

A experiência dos homens negros na USP inclina-se também para a satisfação, com 15 entrevistados expressando avaliações positivas, 03 expressando frustrações e 03 ambivalências. Houve ainda 04 que apresentaram indiferença. Os elementos funcionais de suporte são geralmente associados ao acesso a redes de apoio emocional e sociabilidade com pessoas que compartilham experiências semelhantes. Os elementos disfuncionais, por outro lado, são frequentemente atribuídos a dificuldades de se sentir acolhido nos coletivos ou de se identificar com suas ações, como no depoimento de E21.

*Por incrível que pareça, na área dessa questão de política e representatividade, foi uma decepção quando eu entrei no Instituto [...] porque eu vi que o movimento político [do coletivo negro] lá era muito alguém do que eu tinha idealizado na minha mente (E21).*

A experiência do estudante não binário com os coletivos acadêmicos é marcada pela satisfação e engajamento. Participou ativamente de grupos de estudo, além de integrar centro acadêmico. O participante não fez parte diretamente de coletivos negros, porém frequentou eventos promovidos por estes. Esta experiência acadêmica com os coletivos estudantil de um modo geral parece ter sido um aspecto relevante de sua vida universitária, apesar da interrupção causada pela pandemia.

## **Discussões**

A literatura científica aponta para a importância da rede social na vida das pessoas, com destaque para influências no padrão de comportamento, emoções, pensamentos e saúde. Para isso, aponta para a qualidade dessas ligações, a qual o suporte social pode ser compreendido como um apoio de caráter prático ou afetivo, oferecido a uma pessoa que se sente bem-quista, segura e protegida.

Os achados da pesquisa sobre o suporte social oferecido pela política de permanência da USP e pelos coletivos negros se relacionam aos conceitos da Psicologia Social, destacando a importância do suporte emocional, instrumental e informativo para o bem-estar e sucesso acadêmico dos estudantes negros, corroborando as teorias que destacam a multifuncionalidade do suporte social.

As redes sociais, que são compostas por várias relações que um indivíduo mantém com outros, podem funcionar de maneira benéfica (funcional) promovendo o suporte ou prejudicial (disfuncional) estabelecendo barreiras e limitações, influenciando a saúde das pessoas, especialmente a saúde mental. No caso específico dos estudantes negros da USP, a análise dos dados sugere a política de permanência estudantil oferece um suporte social limitado.

Para os entrevistados, a política de permanência da instituição oferece principalmente suporte instrumental, como moradia e financiamentos, e um tipo de suporte emocional, como

serviços de atendimento psicológico e psiquiátrico. No entanto, a principal limitação relatada pelos entrevistados foi o baixo valor dos auxílios e bolsas, bem como o restrito acesso ao serviço psicológico, o que sugere a necessidade de adequação dessa rede de suporte. Ao todo, são 44 entrevistados que apontam elementos disfuncionais e limitações (avaliações negativas ou ambivalentes) na política e seus programas, enquanto são 40 os que apontam relatos elementos funcionais do suporte (avaliações positivas e ambivalentes).

Por outro lado, os coletivos negros são vistos como um suporte social altamente funcional pelos estudantes, oferecendo principalmente suporte emocional e de estima. Enquanto rede social, os coletivos são vistos de maneira muito positiva, pois promovem um ambiente de pertencimento, acolhimento e formação de vínculos que são importantes para a resiliência e a luta em face da hostilidade da ambiência universitária. Dos entrevistados, são 37 os que manifestaram os elementos funcionais dos coletivos (avaliações positivas e ambivalentes), enquanto apenas 13 relataram os elementos disfuncionais e limitações (avaliações negativas ou ambivalentes).

Os coletivos são vistos como a principal rede de apoio para estudantes negros. Em confluência com os dados obtidos também por Marshburn e Campos (2021), que identificaram uma estima maior para o suporte emocional entre pessoas negras devido ao sentimento de maior compreensão principalmente no que se refere a episódios de preconceito e discriminação. Ambas as pesquisas revelam as várias fontes de apoio, incluindo políticas de permanência estudantil, coletivos universitários, rede familiar, amigos e profissionais de saúde mental. Ambas também se assemelham no que se refere as dificuldades e barreiras enfrentadas pelos estudantes, como a falta de conhecimento sobre as políticas de inclusão, baixo valor de auxílios e bolsas, precariedade de alojamento e insuficiência de serviços psicológicos e psiquiátricos. Os achados de ambos os estudos reforçam a necessidade de políticas e serviços de apoio direcionados para estudantes negros que considerem as suas experiências únicas, especialmente sobre o impacto do racismo na sua autoestima, bem-estar, sucesso acadêmico e saúde.

Quando se observam as experiências de suporte entre mulheres e homens, destacam-se hierarquias de importância específicas. Em geral, as estudantes negras mulheres experimentam mais insatisfação relacionada à política de permanência da USP do que os estudantes negros homens, destacando-se problemas com a moradia e a falta de apoio financeiro adequado. Os resultados também sugerem uma experiência acadêmica distinta entre homens e mulheres junto aos coletivos negros, com as mulheres relatando um sentimento de pertencimento e apoio mais acentuado. A experiência dos homens, embora também positiva, pareceu ser um pouco mais isolada.

A análise das entrevistas com as estudantes negras mulheres, dentre os tipos de suporte social, destacou-se a relevância do suporte emocional. Esse fenômeno pode ser atribuído à

maior participação das mulheres em atividades dos coletivos, contribuindo para uma rede de suporte mais robusta e uma maior percepção de inclusão e aceitação, como também observado no estudo de Moterle et al. (2018) que identificou fatores de risco associados ao aparecimento de depressão entre estudantes de medicina. O suporte emocional desempenha um papel crucial na construção da autoestima, no fortalecimento das identidades sociais, como a negra e a da mulher e na promoção do bem-estar geral.

Quanto aos estudantes negros homens, as entrevistas destacaram que, o suporte instrumental apresentou particular importância. Muitos desses estudantes evidenciaram o valor de ter acesso a recursos tangíveis, como auxílios de estudo, bolsas e estruturas que facilitam o seu desempenho acadêmico e sua integração na vida universitária, mesmo que de forma insuficiente. Ter acesso a recursos materiais impacta direta e positivamente para a permanência e sucesso acadêmico, tal como para a experiência universitária em geral.

A experiência do estudante negro não binário revela uma complexa interação com os suportes sociais disponíveis que se observa nos participantes como um todo. Enquanto a relação com a rede de apoio institucional de permanência é marcada por ambivalência, principalmente devido a precariedade do suporte financeiro, o engajamento com coletivos acadêmicos demonstra uma busca ativa por suporte instrucional e emocional. Isso indica que, apesar da presença de suporte material institucional, outros elementos do suporte social, como aspectos emocionais e instrucionais, podem estar deficientes na estrutura da instituição, enquanto se mostram mais satisfatórios nos espaços coletivos informais.

A experiência desse estudante não binário aponta para a necessidade de revisão e aprimoramento das políticas de permanência da universidade, a fim de atender de forma ainda mais abrangente às necessidades de todos os estudantes. Este caso realça a complexidade do suporte social na universidade, demonstrando simultaneamente as falhas e as possíveis melhorias no sistema de apoio acadêmico.

Nesse sentido, a análise das entrevistas com estudantes negras, negros e não binários revela a complexidade da interseção entre gênero, raça e identidade de gênero no contexto do suporte social na universidade. Ao considerar as diferentes experiências desses grupos, é evidente que, adotar uma abordagem interseccional torna-se fundamental para a compreensão das necessidades individuais e na identificação de lacunas nas formas de suportes oferecidos (Fernandes, 2022).

Os dados da pesquisa indicam a importância dos diferentes tipos de suporte social para o bem-estar e sucesso acadêmico dos estudantes negros, ressaltando que a boa qualidade do suporte social pode promover o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento positivas e o fortalecimento da autoestima e das suas identidades sociais e étnico-racial. Por outro lado, a

falta desse suporte pode levar a problemas como o abandono dos estudos e o aumento do estresse e da ansiedade.

Com isso, destaca-se a necessidade de adequação da política de permanência da USP para oferecer um suporte social mais satisfatório aos estudantes negros, negras e não binários, considerando não apenas recursos práticos financeiros ou instrumentais, mas também o suporte emocional e instrucionais, como observado ser oferecido pelos coletivos negros.

### **Considerações finais**

Com base na teoria do suporte social, de um modo geral, este estudo examinou o quanto a política de permanência da USP e os coletivos negros são funcionais ou disfuncionais para estudantes negros na instituição. Os resultados indicaram a importância crucial do suporte social na experiência acadêmica dos estudantes, alinhados com a literatura científica existente que destaca a multifuncionalidade do suporte social.

O estudo buscou a interseccionalidade como um prisma fundamental na investigação do suporte social para estudantes negros na USP. Constatou-se que a política de permanência da universidade e os coletivos negros atuam de maneira distinta, mas complementar, no fornecimento de suporte aos estudantes. Enquanto a política de permanência tem papel fundamental no suporte instrumental, os coletivos negros destacam-se por prover suportes emocional e instrucional, essenciais para a permanência e bem-estar dos estudantes.

Os achados sugerem que a política de permanência da USP, embora importante, apresenta limitações significativas. Os auxílios financeiros e instrumentais oferecidos foram percebidos como insuficientes e, em alguns casos, inacessíveis, resultando em um impacto menos que ideal no bem-estar e sucesso acadêmico dos estudantes negros, enquanto um provável fator de risco e de estresse na sua experiência acadêmica. Além disso, os resultados mostraram uma percepção de suporte emocional mais restrita da política de permanência, sinalizando a necessidade de uma adequação dos serviços de saúde mental para os estudantes.

Em contrapartida, os coletivos negros foram vistos como uma fonte satisfatória de suporte social, promovendo sentimentos de pertencimento, acolhimento e estima, elementos essenciais para o enfrentamento do ambiente universitário considerado como hostil. Os coletivos foram apontados como uma principal fonte de suporte emocional, demonstrando a importância da rede social na vida acadêmica desses estudantes.

A pesquisa também revelou uma experiência distinta entre os estudantes negros homens, mulheres e não binários na universidade, tanto na relação com a política de permanência quanto nos coletivos. Observou-se que a percepção do suporte social e as



experiências vividas são mediadas por intersecções de gênero e raça, sugerindo a necessidade de políticas de apoio que reconheçam e acomodem essas diferenças.

Os dados reforçam a necessidade de revisão e aprimoramento da política de permanência da USP, com um foco específico em oferecer um suporte social mais satisfatório aos estudantes negros, contemplando não apenas os aspectos financeiros e instrumentais, mas também suporte emocional e instrucional. Os coletivos negros emergem como um exemplo de como o suporte social pode ser efetivamente prestado, evidenciando a necessidade de incorporar essas práticas em políticas institucionais.

Além disso, essa pesquisa destaca a importância de se aprofundar nos estudos da psicologia social sobre a rede social e sua relação com o suporte social oferecido aos estudantes, destacando para a qualidade das ligações dentro da rede e que o suporte social pode ser compreendido como um apoio de caráter prático e afetivo. É fundamental que futuras pesquisas explorem a influência da rede social na vida das pessoas e como ela pode ser utilizada como uma ferramenta para a promoção do bem-estar e da resiliência em face de situações estressantes e desafiadoras.

Espera-se por uma universidade mais inclusiva e apoiadora, onde todos os estudantes, independentemente de sua identidade étnico-racial ou de gênero, possam ter uma experiência acadêmica satisfatória.

### **Sobre as autoras e sobre os autores**

#### ***Carlos Vinicius Gomes Melo***

 <http://lattes.cnpq.br/7663805458191520>

Carlos Vinicius Gomes Melo. Psicólogo (CRP03/6732). Realizou estágio de Pós-Doutorado no Instituto de Psicologia da USP, com auxílio de bolsa FAPESP, integrando o Grupo de Pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais, como vice-coordenador e gerente do Projeto de Pesquisa "Limites e possibilidades para o bem viver de estudantes negros em instituições de ensino superior: o caso da USP". Idealizador da EduWellTech, uma ferramenta digital criada para avaliar e monitorar a saúde mental de estudantes universitários. Doutor em Psicologia Social (USP) e Mestre em Psicologia Social e Trabalho (UFBA) é também Especialista Lato Sensu em Psicoterapia Analítica (IJBA), bem como em Saúde Coletiva (IBPEX). Dentre as principais atuações, estão: Pesquisa Acadêmica e Inovação Tecnológica de Impacto Social; Docência universitária e Coordenação Acadêmica; Saúde Mental de Estudantes Universitários; Relações Étnico-raciais; Estigma, Estereótipo, Preconceito, Discriminação e Efeitos Psicossociais do Racismo; Representações Sociais; Psicoterapia; Sistema Conselhos de Psicologia; Redução de Danos; e Assistência Social.

#### ***Mariana Martha Cerqueira Silva***

 <http://lattes.cnpq.br/6083262350667325>

É Professora Substituta do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba. Graduada em Pedagogia (2006) pela Universidade de São Paulo (USP), mestre (2014) e doutora (2021) em Educação pela UFSCar. Desenvolveu estágio doutoral no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, em Portugal. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Instituto de Psicologia da USP (2023), com auxílio de bolsa FAPESP (Processo n. 2022/02481-5). Compõe a equipe da Comissão de Trabalho Mista do Município de Sorocaba (2020-2021; 2023-2024). Integrou o Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra de

Sorocaba (2011-2012) . Desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na área das relações étnico-raciais da Ed. Básica ao Ens. Superior. Atua na vice-liderança do Grupo de Pesquisa Educação, Territórios Negros e Saúde (ETNS-UFSCar); integrante do Grupo de Pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais (IPUSP) e da Coletiva Corpos Insubmissos. Atua em projetos, estudos e pesquisas voltados à temática da Diversidade, Educação para Relações Étnico-Raciais, Currículo e Movimentos Sociais. Tem experiência na docência e coordenação/orientação pedagógica de instituições educacionais de âmbito público, privado e em organizações não-governamentais.

#### **Karen Cristine Matos Santana**

<http://lattes.cnpq.br/5393030457751738>

Mestranda em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP (IPUSP). Possui graduação em Psicologia pela Fundação Santo André (2019). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social e Clínica. Atualmente, integra o grupo de pesquisa Psicologia e Relações Étnico-raciais, no qual é bolsista com auxílio FAPESP no projeto: Limites e possibilidades para o bem viver de estudantes negros em instituições de ensino superior.

#### **Alessandro de Oliveira dos Santos**

<http://lattes.cnpq.br/9887316891721998>

Professor Associado do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de intercultura e raça-etnia com ênfase nos temas: diversidades, direitos humanos, preconceito e discriminação, planejamento em saúde comunitária, tecnologias de intervenção psicossocial, monitoramento e avaliação de programas/projetos sociais. É pesquisador associado do Grupo de Pesquisa das Periferias - nPeriferias do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP e do Núcleo de Estudos para Prevenção da Aids (NEPAIDS) da USP. Foi assessor ad hoc do Escritório de Saúde Mental da USP (2019-2021), professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2004-2010) e professor visitante na Universidade Federal de Rondônia (2016-2017), Universidade Federal do Pará (2017) e no College of Liberal Arts, University of Texas-Austin (2018).

#### **Como citar este artigo:**

##### **ABNT**

MELO, Carlos Vinicius Gomes et al. Suporte social e a experiência acadêmica de estudantes negros na Universidade de São Paulo: uma análise qualitativa. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 17, e58774, 2024. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a58774>

##### **APA**

Melo, C. V. G., Silva, M. M. C., Santana, K. C. M., & Santos, A. O. (2024). *Suporte Social e a Experiência Acadêmica de Estudantes Negros na Universidade de São Paulo: Uma Análise Qualitativa*. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 17, e58774. <https://doi.org/10.22409/resa2024.v17.a58774>

#### **Copyright:**

Copyright © 2024 Melo, C. V. G., Silva, M. M. C., Santana, K. C. M., & Santos, A. O. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Melo, C. V. G., Silva, M. M. C., Santana, K. C. M., & Santos, A. O. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

#### **Editora responsável pelo processo de avaliação:**

Luiza Rodrigues de Oliveira

## Referências

ARTES, Amélia; UNBEHAUM, Sandra. As marcas de cor/raça no ensino médio e seus efeitos na educação superior brasileira. **Revista Educação e Pesquisa**, v. 47, e228355, 2021. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147228335>.

BIAZZI, Renato, et al. Com cotas, USP quadruplica número de estudantes negros e indígenas em 10 anos. **G1**, São Paulo, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2020/01/24/com-cotas-usp-quadruplica-numero-de-estudantes-negros-e-indigenas-em-10-anos.ghtml>. Acesso em: 23 maio 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. 2010a. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm). Acesso em: 1 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa nº 25, de 28 de dezembro de 2010. **Diário Oficial da União**, n. 249, p. 36, 2010b. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=29/12/2010&jornal=1&pagina=36&totalArquivos=136>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12711.htm). Acesso em: 30 jun. 2024.

BURKE, Moura; KRAUT, Robert. The relationship between Facebook use and well-being depends on communication type and tie strength. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 21, n. 4, p. 265-281, 2016. <https://doi.org/10.1111/jcc4.12162>

CARLOMAGNO, Marcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 173-188, jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>

CRENSHAW, Kimberlé Williams. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**, p. 7-16, 2004. Disponível em: <https://static.tumblr.com/7symefv/V6vmj45f5/kimberle-crenshaw.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FERNANDES, Claudia Monteiro. Ações afirmativas como política de combate às desigualdades raciais e de gênero na educação superior brasileira: resultados das últimas décadas. **Novos Olhares Sociais**, v. 5, n. 1, p. 8-39, 2022. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/download/4661/2424>. Acesso em: 30 maio 2023.

FÓRUM NACIONAL DOS PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **Revista Comemorativa 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares**. Uberlândia: UFU, PROEX, 2012. Disponível em: [http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/05/1\\_fc3b3rum-nacional-dos-prc3b3-reitores-de-assuntos-estudantis-e-comunitc3a1rios-25-anos3.pdf](http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/05/1_fc3b3rum-nacional-dos-prc3b3-reitores-de-assuntos-estudantis-e-comunitc3a1rios-25-anos3.pdf). Acesso em: 4 maio 2023.

GOTTARDO, Luziene Francisca da Silva; FERREIRA, Maria Cristina. Suporte social, avaliações autorreferentes e bem-estar de profissionais de saúde. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 67, n. 1, p. 146-160, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000100011&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 10 mar. 2023.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. Available at: <https://snap.stanford.edu/class/cs224w-readings/granovetter73weakties.pdf>. Accessed on: July 4, 2024.

GRIEP, Rosane Harter. **Confiabilidade e validade de instrumentos de medida de rede social e de apoio social utilizados no Estudo Pró-Saúde**. 2003. Tese (Doutorado)- Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2003. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4487>

GUARNIERI, Fernanda Vieira; MELO-SILVA, Lucy Leal. Cotas universitárias no Brasil: análise de uma década de produção científica. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 2, p. 183-193, 2017. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201702121100>

GUIMARÃES, Antonio Sérgio A.; RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Coletivos negros e as novas identidades raciais. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 39, n. 2, p. 309-327, maio-ago. 2020. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000020004>.

MARSHBURN, Christopher; CAMPOS, Belinda. Seeking Just Us: A Mixed Methods Investigation of Racism-Specific Support Among Black College Students. **Journal of Black Psychology**, v. 47, n. 1, p. 67-99, 2021. <https://doi.org/10.1177/00957984211034961>.

MELO, Carlos Vinicius Gomes et al. The subjective well-being of students at the University of São Paulo at the intersection of race-color, sex, and income in times of the covid-19 pandemic. **International Journal of Human Sciences Research**, v. 3, n. 5, p. 01-19, 2023. <https://doi.org/10.22533/at.ed.558352325015>

MENESES, María Piedad Rangel; CASTELLÁ SARRIERA, Jorge. Redes sociais na investigação psicossocial. **Aletheia**, Canoas, n. 21, p. 53-67, jun. 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942005000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 5 abr. 2023.

MODESTO, João Gabriel et al. Racismo e políticas afirmativas: evidências do modelo da discriminação justificada. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, e3353, 2017. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3353>

MOTERLE, Nathalia et al. Fatores associados à depressão em acadêmicos de Medicina. **Anais de Medicina**, n. 1, p. 103-106, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/anaisdemedicina/article/view/19021>. Acesso em: 23 abr. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. Uma Quinzena do Negro. In: ARAÚJO, Emanuel (Curadoria). **Para nunca esquecer**: negras memórias, memórias de negros. Brasília: Ministério da Cultura/Fundação Cultural Palmares, 2001. p. 75-82.

ORNELAS, José. Suporte social: origens, conceitos e áreas de investigação. **Análise psicológica**, v. 12, n. 2/3, p. 333-339, 1994. <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/3103>

RODRIGUEZ, Mario S.; COHEN, Sheldon. Social support. **Encyclopedia of mental health**, v. 3, n. 2, p. 535-544, 1998. Available at: [https://mhttcnetwork.org/wp-content/uploads/2021/01/Rodriguez.Cohen\\_1998.pdf](https://mhttcnetwork.org/wp-content/uploads/2021/01/Rodriguez.Cohen_1998.pdf). Access on: July 4, 2024.

SANTOS, Sales Augusto. Coquetel de violências contra estudantes universitárias temperado com doses de racismo. In: ALMEIDA, Tânia Mara Campos de; ZANELLO, Valeska (Org.). **Panoramas da violência contra mulheres nas universidades brasileiras e latino-americanas**. Brasília: OAB, 2022. p. 259-290.

SIQUEIRA, Mirlene Maria Matias. Construção e validação da escala de percepção de suporte social. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 381-388, 2008. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>

TORRES-PATIÑO, Isabel Cristina; ROJAS-HERNANDEZ, Cristhiam Mauricio; GARCÍA-PERDOMO, Herney Andres. Barreiras de acesso e permanência na universidade: um olhar. **Einstein (São Paulo)**, v. 19, eED6447, 2021. [https://doi.org/10.31744/einstein\\_journal/2021ED6447](https://doi.org/10.31744/einstein_journal/2021ED6447)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento**. ©2024. Disponível em: <https://prip.usp.br/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

VALÉRIO, Ana Cristina de Oliveira et al. Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, 2021, e3007. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2278>.

YAMAMOTO, Erika. Maior programa de permanência do Brasil concede suporte financeiro a 15 mil estudantes. **Jornal da USP**, São Paulo, 4 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/maior-programa-de-permanencia-do-brasil-concede-suporte-financeiro-a-15-mil-estudantes/>. Acesso em: 4 jul. 2024.